



EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ROOSEVELT – RONDON: UMA CONTRIBUIÇÃO AS CIÊNCIAS NATURAIS

Sérgio Luiz Augusto de Andrade de Almeida
Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)
E-mail: sergiolaandrade@yahoo.com.br

RESUMO

Em dezembro de 1913 o ex-presidente americano Theodore Roosevelt junto com o Coronel Cândido Rondon iniciaram, uma viagem exploratória pelos sertões de Mato Grosso chegando até Santo Antônio do Madeira, na Floresta Amazônica. No percurso, além de colherem espécimes vegetal e animal para o Museu Americano de História Natural e o Museu Nacional, mapearam uma região quase inexplorada, percorreram um rio desconhecido e se aproximaram de indígenas nunca antes contatados. A exposição à morte foi constante: doenças, assassinato, naufrágio, são alguns dos perigos que eles enfrentaram.

Palavras-chave: Expedição científica. Marechal Rondon. Rio da Dúvida. Theodore Roosevelt.

SCIENTIFIC EXPEDITION ROOSEVELT - RONDON: A CONTRIBUTION TO NATURAL SCIENCES

ABSTRACT

In December 1913, the ex-American president Theodor Roosevelt together with Colonel Cândido Rondon started, an exploratory trip through the backlands of Mato Grosso, reaching Santo Antônio do Madeira, in the Amazon Forest. Along the way, in addition to collecting plant and animal specimens for the American Museum of Natural History and the National Museum, they mapped an almost unexplored region, traveled an unknown river and approached Indians never contacted before.

Exposure to death was constant: disease, murder, shipwreck, are some of the dangers they faced.

Keywords: Scientific expedition. Marshal Rondon. River of Doubt. Theodor Roosevelt.

INTRODUÇÃO

Em 1908, quando o Presidente Theodore Roosevelt (1858–1919), o vigésimo sexto presidente dos Estados Unidos da América terminava o seu mandato presidencial, o padre Zahm (1851–1921), seu antigo condiscípulo e companheiro de leitura de Dante, sugeriu que se fizesse uma excursão à América do Sul. Neste momento Roosevelt não deu importância a idéia, pois estava bastante atribulado com projetos de uma viagem à África do Sul (ROOSEVELT, 1976).

Porém em 1913, Roosevelt aceitou o convite do Brasil e da Argentina de vir a América do Sul fazer conferências e decidiu que ao terminar esta tarefa iria conhecer o Amazonas através do sertão. Escreveu então para o padre Zahm contando suas intenções e o convidou para participar da viagem, obtendo imediatamente sua adesão ao projeto. Decidiram fazer uma expedição científica cuja finalidade seria estudar a fauna daquela região e recolher exemplares para o acervo do Museu Americano de História Natural (AMNH).

No Brasil, o homem que foi designado pelo ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, para acompanhar a expedição foi Cândido Mariano da Silva Rondon (1865–1958), então coronel do Exército brasileiro, por causa de seus trabalhos pela ciência e vasto conhecimento do sertão, foi considerada a pessoa mais adequada para acompanhar Roosevelt na missão.

Figura 1 - Rondon e Roosevelt



Acervo do Museu Americano de História Natural (AMNH).

Cândido Rondon soube conciliar a sua filosofia positivista com a profissão de militar do Exército brasileiro. Como positivista, adepto da Religião da Humanidade, ao impor-se ao mundo por sua obra de explorador das selvas tropicais e em favor do indígena, Rondon foi reconhecido mundialmente como protetor da população indígena brasileira, por ele valorizada, protegida de massacres e explorações, pois sempre foi fiel ao seu lema: "Matar, nunca. Morrer se preciso for" (VIVEIROS, 2010, p. 587).

Rondon foi promovido à maior patente do Exército brasileiro, Marechal Honorário do Exército, por decisão do Congresso Brasileiro, pela Lei nº 2.409 de 27 jan 1955, além de ter sido dado o seu nome ao território e atual estado de Rondônia que ele desbravou. Em seus quase 93 anos de vida, o Marechal Rondon foi fiel ao seu pensamento: "servir a Humanidade, servindo à Pátria e à Família" (VIVEIROS, 2010, p. 584).

Seu nome foi imortalizado e consagrado internacionalmente na Sociedade Geográfica de Nova York quando foi inscrito em letras de ouro sólido ao lado de outras quatro grandes sumidades internacionais (VIVEIROS, 2010). Em 2 de agosto de 2017 durante o I Ciclo de Estudos de História Militar da Amazônia, o Prof. Dr. Timothy Radke, membro do Clube dos Exploradores de Nova York ratificou a importância de Rondon como explorador. Segundo Radke, Rondon está entre os cinco exploradores do mundo que recebeu a Medalha Clube dos Exploradores e concomitantemente o título de membro honorário daquela instituição (ALMEIDA, 2018).

O objetivo desse artigo é apresentar a Expedição Científica, que além de recolher material para o acervo do Museu Americano de História Natural, localizado em Nova York e do Museu Nacional, localizado no Rio de Janeiro, fez o reconhecimento do rio da Dúvida.

A EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ROOSEVELT-RONDON

Os expedicionários americanos selecionados por Theodore Roosevelt foram: Padre Zahm; George K. Cherrie e Leo E. Miller, naturalistas veteranos das florestas tropicais; Frank Hasper, secretário de Roosevelt; Jacob Sigg, assistente de Padre Zahm que iria acumular também as funções de cozinheiro e enfermeiro e finalmente Anthony Fiala, antigo explorador dos pólos, que seria o chefe do equipamento, o qual deveria conter tudo o que pudesse defender os componentes da expedição de insetos e répteis, além dos alimentos concentrados enlatados.

O filho de Roosevelt, Kermit, engenheiro, iria reunir-se com a expedição no sul do Brasil, pois já se encontrava no Brasil há alguns meses (ROOSEVELT, 1976).

Figura 2 – Expedicionários americanos com Roosevelt ao centro



Acervo do Museu Americano de História Natural (AMNH).

O Ministro do Exterior do Brasil, Dr. Lauro Müller, (1863-1926), ofereceu ao ex-presidente dos Estados Unidos a cooperação do Brasil, pois achou que esta seria uma forma de tornar o Brasil conhecido no exterior.

Rondon só aceitou o convite de acompanhar a expedição porque verificou tratar-se de uma expedição com valor científico, de que o presidente Roosevelt era um apaixonado pelos estudos de história natural, de que os espécimes recolhidos teriam um objetivo nobre (estudos no Museu) e que ao mesmo tempo traria grande contribuição para a geografia de uma das zonas menos conhecidas da América do Sul. Rondon organizou uma equipe de militares brasileiros conhecedores dos perigos existentes nestas aventuras. A expedição ficou organizada da seguinte forma: Cherrie e Miller fariam os trabalhos zoológicos. Eusébio de Oliveira, geógrafo brasileiro, os trabalhos de geologia. O tenente Lira seria o supervisor. Cândido Rondon faria os trabalhos astronômicos e a confirmação destes por comunicação telegráfica com um de seus assistentes em Cuiabá, o tenente Júlio Caetano Horta Barbosa, pois desta forma garantiriam a minuciosa comparação de longitudes, pela hora. O tenente Lira, Kermit e Fiala sob a orientação de Rondon fariam o trabalho

cartográfico. O capitão Amílcar de Magalhães seria o chefe de transporte e o Dr. Cajazeira o médico da expedição. O coronel Rondon, o presidente Roosevelt e seu filho Kermit e mais 29 auxiliares fariam serviços de astronomia, determinação de coordenadas geográficas, topografia, botânica, zoologia e geologia. Uma equipe de elite. A expedição recebeu o nome: “Expedição Científica Roosevelt - Rondon” (VIVEIROS, 2010, p. 362).

Do ponto de partida determinado, vários roteiros poderiam ser seguidos, por este motivo, Rondon preparou cinco itinerários com cartas confeccionadas nas seções de desenho, com a finalidade de o Itamarati apresentar ao Sr. Roosevelt e ele escolhesse qual deveria tomar. Rondon indicou como o mais favorável o caminho pelos rios Arinos, Juruena, Papagaio e Dúvida, e para tanto mandou que colocassem embarcações disponíveis as margens destes rios. O caminho escolhido por Roosevelt foi o mais difícil, iniciou a excursão pelo maciço central do Brasil para sair do Amazonas, a via do desconhecido rio da Dúvida (MAGALHÃES, 1941).

O percurso que apresentaria maiores dificuldades seria o do rio da Dúvida, pois como o nome do rio já sugeria, não o conheciam bem. Uma comissão de Rondon, anteriormente já havia passado neste local e não foi possível investigar na ocasião de onde viam e para onde iam as águas que ali se encontravam. Tratava-se de um rio com aproximadamente doze metros de largura. Como não descobriram a origem do rio e várias hipóteses foram feitas chamaram de rio da Dúvida. Pelos elementos geográficos colhidos na época acreditavam tratar-se de um afluente do rio Comemoração de Floriano que, com o rio Pimenta Bueno, formava o Gi-Paraná, porém Rondon não aceitava muito esta idéia, para ele o rio da Dúvida era a parte superior de um rio conhecido na sua foz, no rio Madeira, com o nome de Aripuanã (VIVEIROS, 2010).

O encontro de Rondon com Roosevelt aconteceu no rio Paraguai, junto à foz do rio Apa, na manhã do dia 12 de dezembro de 1913. As duas missões se transformaram em um único grupo, a bordo do navio Nioac.

Roosevelt estava ansioso para entregar-se às caçadas de onças, porém os militares brasileiros, sabiam dos perigos que enfrentariam: piranhas hemófagas,

crocodilos, sucuris, onças, formigas venenosas, aranhas noturnas com teias circulares de fios fortes como corda e praticamente invisíveis, e ao receber luz criavam o efeito de centenas de aranhas equidistantes suspensas no ar. Sem contar com os insetos que ocasionavam febres e disenterias. Ao convidar o cozinheiro de bordo do navio Nioac para acompanhá-los, ele respondeu francamente horrorizado: “Senhor, nunca cometi crime algum para merecer tal castigo” (ROOSEVELT, 1976, p. 110; VIVEIROS, 2010, p. 370).

A seis de janeiro encontrava-se a expedição em plena selva. Rondon lembrou-se que esteve ali em 1907, quando tentou ligar, por meio das linhas telegráficas, Santo Antônio da Madeira com Cuiabá. Lembrava os sacrifícios enfrentados pelos desbravadores de anos atrás, que tiveram de percorrer milhares de quilômetros de selva virgem, atacados de polinevrite, disenteria, impaludismo, flechados pelos indígenas, ameaçados pelas piranhas, exaustos de cansaço, mas fixando, os postes telegráficos e erguendo a bandeira do Brasil (VIVEIROS, 2010).

Dali em diante começava a grande aventura com visões maravilhosas de inúmeras árvores e algazarra dos periquitos, araras, papagaios e tantos outros pássaros formando uma grande sinfonia. Antas enormes, grandes tamanduás, onças pintadas e tantos outros felinos de uma fauna que não existia em nenhum lugar do planeta (ROOSEVELT, 1976).

Decidiram organizar dois grupos que avançariam separadamente até a estação José Bonifácio, onde então se reuniriam. O primeiro grupo, com Rondon e Roosevelt trilharia a estrada da Comissão de linhas telegráficas, o segundo, sob a chefia do capitão Amílcar, iria diretamente ao rio Juruena e, após, seguiriam para o mesmo destino. A partida ocorreu às 13 horas de 21 de janeiro, com direção ao lugar denominado Salto, às margens do rio Sepotuba (VIVEIROS, 2010).

O objetivo imediato da expedição era o reconhecimento do rio da Dúvida, e desta forma prosseguiram floresta adentro.

No dia 27 de fevereiro de 1914 começaram a navegar pelas águas do rio da Dúvida. Os quinze primeiros dias foram sem acidentes de importância (ROOSEVELT, 1976).

Roosevelt dizia que seria muito importante que os naturalistas pudessem passar pelo menos uns seis meses excursionando pelas florestas brasileiras estudando a vida dos pássaros, observando com rigor seus hábitos fazendo um estudo paralelo com o trabalho de colecionadores (ROOSEVELT, 1976).

Caçavam-se para a coleção: jacarés, tatus, jaburus, tamanduás, capivaras, tapires, queixadas, onças, pumas, veados, jararacas, cegonhas, garças, seriemas, araras azuis, araras verdes e amarelas, periquitos, tucanos, íbis, corrupiões, corvos marinhos, uma variedade de aves aquáticas dentre elas a jaçanã, a ave de Jesus Cristo, que é capaz de caminhar sobre as águas. A mais rica avi-fauna já observada por Roosevelt, além disto, recolhiam exemplares raros de espécimes vegetais da flora como: o arbusto piriri, exemplares de palmeiras, castanha do Pará etc. e ainda recolhiam vários minerais. A excursão pelas selvas brasileiras forneceu uma notável coleção para o AMNH (ROOSEVELT, 1976).

O material recolhido era preparado pelos naturalistas e periodicamente embalados e enviados em bagagens, pois seria muito incômodo e trabalhoso viajar com um comboio tão grande. Harper era encarregado de enviar o material para Nova York pelo Paraguai.

O primeiro obstáculo da expedição ocorreu no dia 15 de março, quando encontraram uma enorme cachoeira. Rondon aproou a sua canoa e acompanhado do tenente Lira e de um caboclo desceram a terra e foram explorar a região. Ao retornarem verificaram que faltava uma canoa do grupo, a que estava embarcado Kermit. Foram até a cachoeira e encontraram Kermit muito assustado, o cão Trigueiro todo molhado, e mais adiante encontraram João, um dos canoeiros. Rondon tinha orientado Kermit sobre os perigos daquelas águas, que corriam com mais velocidade nas proximidades dos rápidos quase se detendo a estes antes de se precipitarem. Kermit, não acreditou e quis aproximar-se o máximo possível, mesmo depois do alerta do piloto que seria muito perigosa a aproximação, pois depois da calma aparente, viria uma queda súbita e não haveria tempo de salvar a canoa. Kermit ignorou o alerta, pois queria ver a queda e medir a altura da mesma. O piloto, homem simples, acabou por obedecer as ordens de Kermit e a embarcação

foi arrastada, ingovernável, correndo de queda em queda, até desaparecer nas águas do rio da Dúvida. O outro canoeiro, Simplício, não resistiu e foi dragado pelas águas e o próprio Kermit quase fora também arrastado, conseguindo salvar-se com grande dificuldade.

Em depoimento, Kermit explicou como tudo aconteceu:

Segundo a sua própria narrativa e a do outro sobrevivente, o piloto João, a canôa tomou água e alagou-se logo no começo da temerária descida. O piloto saltara então, para o leito do rio, procurando sustentá-la pelo cabo da prôa, mas o ímpeto das águas venceu os esforços que empregara e a canoa emborcou. Viu ainda João a embarcação, arrastada pela correnteza, águas abaixo, com o fundo para cima e sobre ella Kermit e Simplício. Precipitada assim, em segundo tombo, sumiu-se, entretanto, e com ella desapareceu para sempre o corpo do inditoso Simplício (MAGALHÃES, 1941, p. 179)

Rondon mandou colocar uma placa com a frase: “Aqui pereceu o infeliz Simplício”. A cachoeira passou a ser chamada de Cachoeira Simplício¹ em homenagem ao membro da expedição que ali havia perdido a vida (VIVEIROS, 2010, p. 392).

Para ultrapassar a cachoeira tiveram que carregar as canoas e todo o material por mais de 500 metros a pé.

Quando já estavam a 123 quilômetros distantes do ponto de partida encontraram um rio com 21 metros de largura e Rondon batizou o rio de Kermit, em homenagem ao filho de Roosevelt. No dia 18 de março, o coronel Rondon declarou frente aos expedicionários, em sua Ordem do Dia², que o antigo rio, que desde 1909, batizado por ele de rio da Dúvida, passaria a se chamar rio Roosevelt, pois descobriram que o rio era um afluente do rio Madeira (VIVEIROS, 2010, p. 403).

Roosevelt fez o seguinte comentário sobre a homenagem:

Foi para mim uma surpresa, pois, tendo sido consultado a esse respeito por Lauro Muller e pelo próprio coronel Rondon, havia insistido, assim como Kermit, peremptoriamente, que se mantivesse o nome de rio da Dúvida. Achávamos que tal denominação era multíssimo acertada e havia toda a

¹ A cachoeira preserva esse nome até os dias atuais e fica no município de Pimenta Bueno no estado de Rondônia.

² Documento muito utilizado pelos militares que contém os assuntos, tópicos e quaisquer funções ou tarefas, a serem discutidos e deliberados em um trabalho, indicando o que deverá ocorrer.

conveniência em mantê-la . Aqueles bons amigos , porém, não me quiseram atender e seria, portanto, uma grosseria de minha parte continuar a objetar. (ROOSEVELT, 1976, p. 181).

Um outro incidente desagradável foi o assassinato do sargento Paixão pelo soldado Júlio. O sargento Paixão era um negro, disciplinado e disciplinador, um exemplo para os companheiros, principalmente pela sua moral. Júlio era um soldado preguiçoso, que mesmo sendo forte e de boa constituição física sempre que possível fingia-se de doente para não fazer trabalhos pesados e perigosos. Paixão desconfiou que Júlio estivesse roubando comida, fato este considerado pelo grupo como crime. Júlio foi pego em flagrante roubando comida e Paixão deu-lhe um soco na boca. Ao ser surpreendido novamente por Paixão, Júlio com ódio de Paixão apanhou uma carabina e matou o sargento Paixão, fugindo em seguida para a floresta (VIVEIROS, 2010, p. 399).

Roosevelt ficou desesperado com o ocorrido e mandou um mensageiro avisar a Rondon, pois este se encontrava fazendo explorações. Roosevelt pedia que prendessem e matassem Júlio, pois no país dele quem matasse deveria morrer. Rondon respondeu que no Brasil isto seria impossível, pois quem cometesse um crime deveria ser julgado e não assassinado (ROOSEVELT, 1976, p. 197).

Rondon destacou um pelotão com a finalidade de procurar Júlio mesmo sabendo que seria inútil procurar um homem fugido na floresta, mas mesmo assim o fez. Encontraram apenas arma e o corpo de Paixão (VIVEIROS, 2010, p. 399).

A expedição estava ficando em perigo, pois não sabiam o quanto ainda precisavam caminhar. Todos estavam exaustos, alguns doentes, outros deprimidos, alguns quase nus porque por maior cuidado que tivessem as formigas terríveis comiam as roupas, furavam os sapatos e não tinham como substituir. Os homens estavam cada vez mais fracos. Kermit com febre, Lira e Cherrie com disenteria e foi neste momento que Roosevelt machucou gravemente sua perna ao tentar posicionar uma canoa. O ferimento causou febre muito alta e delírio em Roosevelt. A viagem teve que ser interrompida, porém Roosevelt chamou Rondon e pediu que partissem e o deixassem, pois a expedição não poderia ser interrompida. Rondon argumentou que a expedição científica era Roosevelt-Rondon e que não seria

possível eles se separarem. O Dr. Cajazeira conseguiu contornar a doença e ao passar a fase crítica deram prosseguimento a viagem, mas Roosevelt continuava doente e todos já não gozavam de boa saúde, estavam enfraquecidos, mal alimentados e o moral bastante baixo. Haviam percorrido 300 quilômetros em território nunca transposto por homem civilizado quando descobriram que o rio da Dúvida era conhecido na foz como rio Castanho.

Na base dos rápidos, grande negócio e propriedade do Sr. Caripe. Contou ele muitas histórias dos seringueiros que nunca tinham ultrapassado 9º de latitude nas redondezas do Alto Aripuanã, a que chamavam Rio Castanho (VIVEIROS, 2010, p. 403).

Roosevelt estava satisfeito, considerava um privilégio ter tomado parte desta expedição e neste momento considerou que a expedição científica havia atingido o ponto culminante. As bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos flutuavam em frente às barracas do acampamento. A alegria do êxito da expedição fazia esquecer as coisas ruins que haviam passado (VIVEIROS, 2010).

O chefe americano da comissão não mais voltou a ter boa saúde, a perna direita estava com erisipela, melhorou do impaludismo, porém não conseguia mais se livrar dos furúnculos, porém nada disto impedia de que Roosevelt continuasse a escrever suas notas (ROOSEVELT, 1976).

O Roosevelt admirou-se da quantidade de insetos que mordiam, picavam, devoravam, depositavam bernes e causavam sofrimentos. Admitia que a vida dos trópicos era difícil e cruel. E foi desta forma que pôde compreender a obra político-social da pacificação dos indígenas pela bondade, pela justiça e pela compreensão. O meio de trazê-los à civilização gradualmente, com a orientação do que era apregoado pelo Positivismo, cuja preocupação em melhorar o material humano era de grande importância, educar no melhor sentido da palavra (ROOSEVELT, 1976).

Na expedição havia negros, indígenas e brancos. De um modo geral predominava o branco, porém todos eram tratados de forma afetuosa e com respeito. Durante a expedição, Roosevelt observou e aprendeu muito dos hábitos e o dia-a-dia dos indígenas brasileiros e impressionou-se como o indígena era carinhoso com suas mulheres. Provavelmente essa foi uma grande lição que os

americanos levaram do Brasil, pois o preconceito de raças é uma prática comum aos americanos do norte. (ROOSEVELT, 1976).

No dia 27 de abril, no acampamento do tenente Pirineus, Rondon inaugurou a placa comemorativa da expedição. Houve salvas e muita alegria (VIVEIROS, 2010).

Em 29 de abril chegaram a Manaus e como o presidente Roosevelt deveria ser conduzido por padiola, pois os furúnculos não permitiam que ficassem em outra posição que não de bruços, Rondon telegrafou para o governador para que ele tomasse todas as providências para o desembarque do Sr. Roosevelt do vapor que estavam viajando. Que fosse feito antes do amanhecer e de forma secreta, pois percebia o constrangimento do presidente Roosevelt (VIVEIROS, 2010).

Roosevelt foi operado em Belém, onde ficou hospedado até melhorar e embora caminhando com dificuldade pode participar das festas, pronunciando maravilhosos discursos. De Belém embarcou em um navio que o reconduziu aos Estados Unidos (ROOSEVELT, 1976).

A despedida dos membros da expedição foi em Belém e Roosevelt ofereceu moedas de ouro aos companheiros como lembrança.

Roosevelt se despediu de Rondon com muita emoção e uma amizade que foi cultivada nestes meses de convivência. Entretanto, em vários momentos, Roosevelt e Rondon se desentenderam. Em uma ocasião, após a morte do canoeira Simplício, Roosevelt queria que Rondon parasse com seu trabalho de medição do rio da Dúvida, pois, segundo ele, estava atrasando a expedição. Rondon não concordou e Roosevelt disse: “Os grandes homens não se preocupam com minúcias”. E Rondon respondeu: “Nem sou grande homem, nem se trata de minúcia. O levantamento do rio é elemento indispensável, sem o qual a expedição, no que me toca, terá sido inteiramente inútil” (VIVEIROS, 2010, p. 394)

Toda a expedição foi descrita por Roosevelt no livro "Though the Brazilian Wilderness". Este livro foi traduzido por Luiz Guimarães Junior para o Português com o título “Nas selvas do Brasil”. Rondon pediu autorização à viúva de Roosevelt para fazer a tradução e esta delicadeza de Rondon sensibilizou tanto a família de Roosevelt que a autorização veio assinada não só por ela como também por todos

os filhos dele. Rondon, por sua vez, também narrou suas memórias no livro Rondon conta a sua vida de Esther de Viveiros.

Figura 3 - Presidente Theodore Roosevelt e Marechal Rondon



Acervo Museu Americano de História Natural (AMNH).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Expedição Científica Roosevelt-Rondon muito contribuiu com o desenvolvimento das ciências naturais.

Rondon foi fundamental para que a Expedição Roosevelt-Rondon atingisse seus objetivos. Como acompanhante do ex-presidente dos Estados Unidos da América Theodore Roosevelt, atravessou os estados do Mato Grosso e do Amazonas, de 12 de dezembro de 1913 a 30 de abril de 1914, em que o objetivo, além de recolher material para o acervo do Museu Americano de História Natural,

era o reconhecimento do rio da Dúvida, o qual Rondon batizou de rio Roosevelt. Percorreram 686 quilômetros durante os 59 dias da expedição.

O Rio da Dúvida, segundo Magalhães, foi o “principal objectivo geographico da Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon” (Magalhães, 1941, p. 170). Mas porque o nome rio da Dúvida? O histórico e a explicação do nome foram feitos por Rondon em uma conferência em 1915:

Nenhum rio suscitou duvidas tão numerosas e duradoiras, como o correspondente á nascente que descobrimos no dia 16 de julho de 1909 (Expedição de 1909), no paralelo de 12°39' Sul, e á qual demos então o nome de cabeceira do Urú. Da columna exploradora fazíamos parte eu, os tenentes Lira e Amarante, e o Dr. Miranda Ribeiro, zoólogo do Museu Nacional. A alguns de nós parecia que as águas dessa cabeceira corriam para o Guaporé; outros opinavam que ellas seriam do Madeira. O problema que assim surgiu, merecia ser estudado e resolvido, não só pelo interesse que nos despertava no ponto de vista potamographico, como também pelo que se ligava ao proseguimento dos trabalhos relativos ao traçado da linha telegráfica (Magalhães, 1941, p. 170).

Após o surgimento da dúvida, o problema foi estudado pelos expedicionários. Assim, o grupo foi dividido para melhor solucionar o caso.

Resolvemos examiná-lo de perto e para isso constituímos três turmas: uma dirigida pelo Tenente Amarante, encarregou-se de prolongar o reconhecimento na direcção do Norte; a 2ª, com o Tenente Lira, dirigiu-se para o poente; e a minha, que seguiu primeiro para o Sul e em seguida para o Noroeste. Com menos de dois dias de marcha, descobri novo ribeirão, que me pareceu ser a primeira água vertente do chapadão para o Valle do Guaporé, em cujo rio ella entra, provavelmente, pela foz denominada Corumbiara. D'outro lado, o reconhecimento realizado pelo Tenente Lira, articulou-se tão bem com o meu, que o resultado dos dois combinados, foi excluir por completo a hypothese de correrem as águas da cabeceira Urú para o Guaporé. Estava, pois, resolvida a primeira duvida suscitada pelo curso do rio que correspondesse à cabeceira do Urú (*ibid.*).

Solucionado uma parte da dúvida, os expedicionários prosseguiram na missão a fim de resolver o problema geográfico.

Mas no dia 26, quando já reunida a minha turma com a do Tenente Lira, voltamos para o Oriente, deparou-se-nos um riacho da largura de 12 metros, correndo na direcção N.N.O. Novas controvérsias surgiram: d'onde provinha este riacho? Da nascente a que déramos o nome de Urú ou do Toloiry-inazá? Como não fosse possível, na ocasião, accordar as duas opiniões, resolvi assignalar aquellas águas com o nome de Duvida, porque, para mim, eram ellas as mesmas que nos acabavam de crear tantos

embarços nas discriminações das bacias do Madeira e do Guaporé. (*ibid.*, p. 171)

Roosevelt orgulhava-se de ter participado da exploração do Rio da Dúvida e em várias palestras na Europa e Estados Unidos, dizia sobre o rio,

Colocamos no mapa um rio de cerca de 1.500 km de extensão, cujo alto curso, sobre ser absolutamente desconhecido, nem ao menos era suspeitado, ao passo que seu baixo curso, embora desvendado há alguns anos por uns poucos seringueiros, permanecia inteiramente ignorado dos geógrafos (ROOSEVELT, 1976, p. 217).

Os norte-americanos ficaram muito satisfeitos com o resultado da expedição, pois levaram um riquíssimo material zoológico do Brasil. Sobre esse material, que foi coligido e encaminhado ao Museu Americano de História Natural, comentaremos a seguir.

ACERVO RECEBIDO PELO MUSEU AMERICANO DE HISTÓRIA NATURAL

A primeira informação que se obteve sobre o acervo encaminhado ao Museu Americano de História Natural veio do próprio Roosevelt.

Cherrie e Miller coligiram para mais de 2.500 aves, cerca de 500 mamíferos, alguns répteis, batráquios e peixes, muitos dos quais novos para a ciência, pois que grande parte da região ainda não havia sido visitada por colecionadores científicos. (ROOSEVELT, 1976, p. 216)

Um dos documentos a que se teve acesso foi o Boletim do Museu Americano de História Natural, volume LX do ano de 1930, constituído de 432 páginas, intitulado: The birds of Matto Grosso, Brazil, escrito pela ornitologista americana Elsie Margaret Binger Naumburg (1880-1953), com notas escritas pelo naturalista americano George Kruck Cherrie (1865-1948), um dos cientistas que fizeram parte da comitiva de Roosevelt. George Cherrie retornou ao Brasil em 1916 para complementar suas pesquisas sobre os pássaros de Mato Grosso, e Elsie Naumburg veio com ele como sua assistente e publicou, em 1930, o referido boletim, conforme explicação na introdução do mesmo:

Este artigo é baseado principalmente nas coleções coligidas durante essas duas visitas. Foi originalmente iniciado pelo Sr. Cherrie com a ajuda da Sra. Naumburg (então Sra. Reichenberger), mas Cherrie provou ser um membro tão valioso da equipe do Coronel Roosevelt que a demanda por seus serviços como naturalista o manteve durante a maior parte do tempo em partes remotas da terra e a Sra. Naumburg foi deixada para preparar a parte sistemática deste Boletim sozinha, enquanto Cherrie escrevia a narrativa e as notas de campo. As contribuições de Cherrie são citações ou assinadas com suas iniciais, G.K.C., enquanto a Sra. Naumburg é responsável pelo restante do livro. No prosseguimento de seus estudos, ela usou não apenas as coleções pelas quais o Museu deve agradecer ao Coronel Roosevelt, mas também teve acesso às coleções de Herbert H. Smith de Matto Grosso no Museu Americano. (Naumburg, 1930, p. 2)

O Boletim é um dos maiores documentos sobre os pássaros da região Norte e Centro-Oeste do Brasil. Apresenta inicialmente um relato da viagem, com as coordenadas, mapas, datas e locais por onde a expedição percorreu, além de fotos de grande beleza da região e dos pássaros pesquisados. Apresenta a seguir uma lista de famílias de pássaros, com as espécies e subespécies, muitas totalmente desconhecidas. A partir da página 55 do boletim, ela faz uma distribuição minuciosa das espécies e subespécies, totalizando mais de 2.500 espécimes catalogadas. A partir da página 405 apresenta um índice do volume. Outro documento importante foi publicado como Artigo XXVII, *New mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expedition*, escrito pelo zoólogo e ornitólogo americano Joel Asaph Allen (1838-1921). Neste documento, seis das dez espécies registradas como novas foram coletadas em Mato Grosso durante a Expedição Roosevelt-Rondon. As outras duas (*Wcomys emilie* e *Proechimys boimensis*), no leste do Brasil (não citado o local exato), um (*Ecomy florencice*) no distrito de Caqueta, na Colômbia e o outro (*Molossus daulensis*) no Equador.

ACERVO RECEBIDO PELO MUSEU NACIONAL

A Comissão Rondon encaminhou ao Museu Nacional 3.380 artefatos indígenas (obtidos mediante trocas ou doação), 8.837 espécies de plantas, 5.676 espécimes animais, e descobriu e assinalou minas e jazidas de ferro, manganês, etc.

Do Catálogo Geral das Publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de Proteção aos Indígenas foi retirada uma relação de material que o Museu Nacional recebeu constando 408 espécimes da Expedição Roosevelt-Rondon e que foram fontes de pesquisa de professores e pesquisadores do Museu Nacional.

O primeiro trabalho com parte desse material é o de Carlos Moreira – História Natural – Zoologia – Crustáceos, onde há uma espécie nova de Crustacea Argulidae – *Talaus ribeiroi* (Publicação nº 13). A Publicação nº 14 é de Adolpho Lutz – História Natural – Zoologia – Tabanideos, descrevendo várias espécies novas. A Publicação nº 15 é de Miranda Ribeiro – História Natural – Zoologia – Pimelodidae, Trachycorystidae, Cetopsidae, Bunocephalidae, Auchenipteridae e Hypophthalmidae. A Publicação de nº 16 também do mesmo autor – História Natural – Zoologia – Loricariidae, Callichthyidae, Doradidae e Trichomycteridae, contendo 50 espécies, sendo 12 novas e 3 gêneros novos, a de nº 17 também é de Ribeiro – História Natural – Zoologia – Mamíferos – Cebidae, Hapalidae, Vespertilionidae, Emballonuridae, Phyllostomatidae; Felidae – Mustelidae, Canidae, Procyonidae, Tapuridae, Suidae, Cervidae, Sciuridae, Muridae, Octodontidae, Coenduidae, Dasyproctidae, Caviidae e Leporidae. Platanistidae. Brachypodidae, 84 espécies, sendo 5 novas. A Publicação nº 22 é de Hermann von Ihering – História Natural – Zoologia – Moluscos; 20 espécies, sendo 3 novas. A Publicação nº 35 é de Adolpho Ducke – História Natural – Zoologia – Himenóptera. A Publicação nº 36 é de Henrique de Beaufort Aragão. Ribeiro ainda escreveu a Publicação nº 46 – História Natural – Zoologia – Cichlidae. Em 1916 foi feita a Publicação de nº 49 por Ribeiro: A Comissão Rondon e o Museu Nacional com 2ª. Edição em 1945. A Publicação nº 53 traz a Expedição Científica Roosevelt-Rondon – História Natural – Zoologia – Resultados zoológicos da Expedição por Miranda Ribeiro. A de nº 58 traz outro trabalho de Ribeiro – História Natural – Zoologia – Peixes (Excl. Characinidae). A de nº 63 também é de Ribeiro e Euclides da Costa Soares – História Natural – Zoologia – Psittacidae registro de 28 espécies. Foi planejada a publicação nº 82 – Zoogeografia, de Ribeiro, mas não foi ultimada. A derradeira publicação zoológica é

de Afrânio do Amaral, nº 84 – História Natural – Zoologia (Ofídios de Mato Grosso), com 2ª edição em 1948 (ALMEIDA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visita do ex-presidente Theodore Roosevelt à América Latina entre 1913 e 1914 foi vista com desconfiança pelos brasileiros, principalmente pelos jornalistas. No final do século XIX e início do século XX, os EUA exerceram uma política imperialista na América Latina, particularmente no México, na América Central e no Caribe. Theodore Roosevelt comentou sobre o assunto, afirmando serem falsos os comentários que os Estados Unidos sentiam fome de terra em relação às outras nações do hemisfério ocidental (ROOSEVELT, 1976)

Polêmicas à parte, a Expedição Científica Roosevelt-Rondon, além de ter percorrido integralmente o rio da Dúvida, ajudou a divulgar o Norte e o Centro-Oeste do Brasil através das conferências de Roosevelt nos Estados Unidos da América e na Europa. Segundo o próprio Roosevelt: “O pensamento é essencial, porém a faculdade de transmiti-lo com clareza é complemento indispensável” (ROOSEVELT, 1976, p. 221). O mundo tomou conhecimento da rica biodiversidade dessa região do Brasil.

A contribuição para às ciências naturais foi importantíssima, pois através das descobertas feitas pelos indígenas, muitas plantas alimentam o mundo, como a batata, a mandioca, o milho, a batata doce, o tomate, o amendoim, o cacau, o abacaxi, o caju, e o mamão. O látex extraído da seringueira ajudou a impulsionar a indústria automobilística e as indústrias em geral, produzindo a borracha. Das palmeiras, como o Buriti, o Açaí, o Babaçu e a Pupunha, extrai-se o fruto, o palmito, a castanha, a fibra e a madeira. A castanha do Pará, hoje chamada de castanha do Brasil, os pinhões e o caju são comercializados e exportados para todo o mundo. A erva-mate, o guaraná, o tabaco, o algodão e a piaçava servem para alimentar a indústria e o comércio com os produtos derivados deles.

As plantas medicinais, que são à base de vários remédios, também merecem destaque. Citaremos alguns exemplos: a copaíba, na produção de cicatrizantes; a quinina, usada como antimalárico e até 1930, o único remédio usado no tratamento da malária; a coca usada como anestésico; o curare é a base para extração do d-Tubocararina, utilizada nas cirurgias cardíacas, etc. Na zoologia vários animais da região foram estudados, como a anta, a queixada, a onça pintada, os jacarés e vários tipos de macacos, como o macaco aranha. Vários tipos de peixes, como o abotoado, acará-açú, apapá, aruanã, barbado, bicuda, cachara, cachorra, corvina, corimbatá, jacundá, jaú, jurupencém, jurupoca, lambari, mandi, pacus, surubim, tucunaré, etc. Cerca de 2.500 espécimes de aves foram catalogados.

Rondon resumiu assim a longa travessia da missão científica e seus resultados:

Recolhemos materiais científicos para as nossas pátrias, entramos em contato com nossos indígenas, descobrimos e fizemos o levantamento de rios até então inexplorado, como o trajeto do célebre Rio da Dúvida e concluímos por nos convencer que não trabalhamos em vão para a ciência e para a humanidade (VIVEIROS, 2010, p. 406).

Roosevelt refere-se ao amigo Rondon com a seguinte declaração:

A América pode apresentar ao mundo duas realizações ciclópicas: Ao norte o canal do Panamá, ao Sul o trabalho de Rondon – científico, prático, humanitário. Nunca vi, nem conheço obra igual em toda humanidade. Um povo que tem filhos desta ordem há de vencer. O século XX pertence-lhe (ROOSEVELT, 1976, p. 216).

O grande legado da Expedição Científica Roosevelt-Rondon foi a contribuição às ciências naturais. Foram publicados, através da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA), cerca de cinquenta relatórios científicos, entre eles estudos geográficos, relatórios de exploração de minérios, primeiras etnografias, publicadas no Brasil, relatórios médicos com estudos importantes principalmente sobre doenças tropicais, relatórios gerais sobre a construção da rede telegráficas, relatórios científicos nas áreas de Zoologia, Mineralogia e Botânica, com enorme variedades de novas espécies totalmente desconhecidas pelos botânicos. Edgard Roquette Pinto (1884-1954), médico e antropólogo do Museu Nacional que acompanhou Rondon em várias expedições,



escreveu o seguinte comentário no seu livro Rondônia (p. 41): “*A linha telegráfica foi o pretexto. A obra de pesquisa e levantamento foi tudo*”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sérgio Luiz Augusto de Andrade. **Expedição Científica Roosevelt-Rondon**. São Paulo: Editora PACO, 2018.

MAGALHÃES, Amílcar Armando Botelho de. **Pelos sertões do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.

NAUMBURG, Else M. B. **The Birds of Matto Grosso, Brazil**. Bulletin of The American Museum of Natural History, volume LX, 1930.

ROOSEVELT, Theodore. **Nas selvas do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Rondônia: anthropologia-ethnographia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; Academia Brasileira de Letras. 1.ed., 1917. 2005.

VIVEIROS, Esther de. **Rondon conta a sua vida**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.